

O DIABÓLICO E O SIMBÓLICO NO COTIDIANO DE UM GALPÃO DE RECICLAGEM: NOTAS DE UM EDUCADOR/PESQUISADOR

Vinícius Lousada¹

A TÍTULO DE INTRODUÇÃO AO TEMA

Há espaços, lugares e situações em que as realidades transicionais e do limite entre o conhecido e o desconhecido se propõem de maneira mais aguda do que em outros. (José de Souza Martins)

Curioso o exercício da escrita sobre o vivido, não? Ele pede um distanciamento, um olhar de longe que não deixa de implicar, apesar da distância temporal, a presença daquele que observa a si mesmo, a sua ação com os outros e as outras. Esse trabalho de mirar de dentro e, ao mesmo tempo, de longe o vivido, o cotidiano da intervenção da pesquisa ou da ação educativa, exige certa disciplina, disponibilidade de repensar e ressignificar mesmo fatos, gestos, lembranças, momentos e, até mesmo, como acabam nos remetendo os textos de Martins (2008): cheiros, odores e sons.

Nada como um ritual acadêmico ou um momento de partilhas de aprendizagens para demarcar o momento de parar, definindo ao pesquisador, imbricado com o objeto de pesquisa e com o cotidiano das gentes com as quais atua, para que pare um pouco de se inebriar da empiria e se inicie no pensar sobre ela e os saberes que dela emergem.

Essa seria uma prática de pensar a pesquisa, de fazê-la práxis indicativa de ajustes, retomadas, paradas obrigatórias em que me debruçasse sobre autores e escritos que estão nas sintonias da mesma, podendo apontar possibilidades criativas nesse quefazer de capturar registros, anotar informações, conviver e intervir. Lembro que toda ação de pesquisa é por si própria uma forma de intervenção e interação, onde se estabelece uma relação de interdependência simbólica no jogo relacional entre pesquisador e o ator social implicado no campo empírico.

A seguir, apresento algumas das minhas anotações, cujos registros venho fazendo desde setembro do ano passado, quando passei a integrar a equipe de educadores/oficineiros que já figuravam como membros do *Projeto Reciclando Vida* naquela associação comunitária. São registros que nascem dos meus continuados trânsitos naquela unidade de reciclagem e

¹ Licenciado em Pedagogia (FURG), Mestre e Doutorando em Educação (PPGEDU/UFRGS), Porto Alegre/RS, orientado pelo Prof. Dr. Nilton Bueno Fischer. E-mail: vlousada@hotmail.com

esses apontamentos denotam a minha busca pela troca criativa e desejo de não me seduzir pelo primeiro olhar sobre o manifesto, mas de elaborar uma capacidade interpretativa dialógica quanto ao universo simbólico muito próprio daquele grupo de homens e mulheres, majoritariamente mulheres.

1. DA INSERÇÃO NO CAMPO EMPÍRICO

Contando com trinta associados, a A. R. E. Rubem Berta² (Galpão) se mantém com o auxílio econômico do Departamento Municipal de Limpeza Urbana da Cidade de Porto Alegre, e com o produto das vendas de material reciclável, separado e classificado conforme a sua natureza, para clientes fixos e outros alternados, permitindo assim a manutenção da partilha dos recursos econômicos obtidos para fins de pagamento de salários aos associados conforme as horas trabalhadas.

Nesse cenário atuei como coordenador pedagógico, sob a orientação do Professor Dr. Nilton Bueno Fischer (PPGEDU/UFRGS), no *Projeto Reciclando Vida*³ na referida associação e, no momento presente minha ação se configura como pesquisador.

A problemática a ser investigada em minha proposta de tese de Doutorado em Educação, no âmbito do PPGEDU/UFRGS, consiste em apreender quais os saberes que as memórias dos recicladores anunciam de suas vivências na Associação de Reciclagem Ecológica Rubem Berta? Dessa questão central emergirão outras que, a partir dos desdobramentos das narrativas dos recicladores, deduzo haver a possibilidade de se estabelecer uma discussão teórica em condições de produzir reflexões pertinentes a questões como: Quais as contribuições teóricas, epistemológicas e pedagógicas para a Educação Popular que se pode colher dos conteúdos emergentes das memórias dos recicladores (educadores e educandos) a respeito das vivências no âmbito das múltiplas atividades do Galpão? Como se dá a relação desses sujeitos com os saberes que emergem da vida e da produção a partir do trabalho precário/solidário no Galpão de Reciclagem?

Lembremos, com Martins (2008), que as memórias – farto e vivo material para

² A Associação de Reciclagem Ecológica Rubem Berta existe desde o ano de 1993, e foi gerada como parte de um macro-projeto da Prefeitura Municipal de Porto Alegre de reassentamento urbano apartado das denominadas zonas de risco da Capital, articulando a questão da moradia e da geração de renda. A população que vivia nos arredores do muro que separava a Avenida Sertório dos arredores do Aeroporto Salgado Filho e dava conta da sobrevivência a partir da relação com o lixo foi transferida para a Zona Norte da cidade, nas proximidades do Conjunto Habitacional Rubem Berta. A construção das casas se deu de forma *germinal* com a possibilidade de inserção de outras peças, conforme as formas de apropriação e as necessidades dos residentes.

³ Este projeto se inspirava nas contribuições combinadas da Educação Popular, Economia Popular e Solidária e da Educação Ambiental. Objetivamente, o projeto se propunha a criar alternativas de sustentabilidade para a A. R. E. Rubem Berta, promovendo o fortalecimento da reciclagem e oportunizando a elaboração de novas tecnologias de gestão e produção, implantadas de forma orientada e assessoradas.

um estudo sociológico – não se limitam apenas ao espaço do trabalho no Galpão, do mundo do trabalho e do imaginário sobre o mesmo, bem como, dos momentos de alegria e de negação da mesma; mas também, trazem à tona releituras de prazeres e lutas do mundo da vida. Além disso, as memórias nos permitem o acesso aos sentidos que os sujeitos dão ao trabalho, as privações que dele decorrem e de sua relação com o saber.

2. DO DIABÓLICO QUE DIALOGA COM O SIMBÓLICO: APENAS UMA METÁFORA?

O espanto me toma quando percebo o ambiente cultural que pulsa no Galpão: um fragmento repleto similaridades com a totalidade de circunstâncias não-lineares, impassíveis de congelamento em formas clássicas de classificação da sociedade desses dias, como seus atores coletivos e suas inovadoras formas de ação coletiva e individual no mundo.

Dialogam no Galpão diferentes ritmos, tempos, imagens, informações no disse-que-disse. Percebo a reinvenção cotidiana do presente junto da briga pela mesmice conservadora; as vivências e identidades múltiplas das recicladoras e recicladores enquanto indivíduos que atravessam a vida e o trabalho coletivo, convivendo com a auto-nomeação afirmativa de reciclador, além dos humores e amores que afetam a produção.

O diálogo entre o diabólico e o simbólico - categoria metafórica - se insere aqui como um exercício para entender as ambigüidades e as contradições que emergem das realidades que se apresentam na vida no Galpão e que, por motivos variados, certamente estão marcadas por uma sedução subjetiva como critério de escolha. Uma sedução originada na inquietação que essas ocorrências, gestos e falas provocaram em mim mesmo.

Leonardo Boff (1998) recorda-nos o mito do despertar da águia que ora vivera na condição de galinha. Parece-me dispensável recorrer a uma descrição do mesmo, muito embora, seja necessário elucidar que o teólogo se utiliza dessa metáfora de matriz africana para descrever, poeticamente, esse combinatório presente na condição humana entre inacabamento e limite, a nossa dimensão de abertura ao inusitado, aos cosmos e de enraizamento na rotina e no local, não nos permitindo, na interpretação da realidade – marcada pela mesma condição humana na sua feitura e interpretação – um olhar arraigado num disciplinamento teórico: ou isso ou aquilo, certo versus errado, o bem contra o mal; mas, sim, a fecundidade do contraditório e do combinatório entre as contradições. Confesso que estou a apreender esse olhar.

Do ponto de vista etimológico, o autor nos ensina que na origem filológica do grego clássico o termo simbólico significaria lançar junto, enquanto diabólico consistiria em

lançar para longe, em separado mesmo. Logo, o simbólico da realidade do Galpão consistiria naquilo que, na minha leitura, agrega as pessoas, que gruda ação educativa, pesquisa, convívio humano, festa, partilha de bolinhos empapados de óleo com café preto, sorrisos, trabalho coletivo, etc. Que produz afetos, estrutura confiança mútua, provoca amorosidade e diálogo.

O diabólico seria aquilo que sectariza e segrega o diferente, inclui precariamente o pobre mais pobre e rechaça a identidade própria do outro. É diabólico o machismo que alimenta a dominação de gênero fazendo das mulheres seres para o outro, tanto quanto, é diabólica a desapropriação da baixa renda daquele que se endivida com o vil agiota de plantão. Enfim, é diabólica a adesão do oprimido à lógica do opressor, seja na subserviência, seja na multiforme opressão de seu par.

No entanto, como afirma Boff,

[...] a vida pessoal e social é urdida pela dimensão sim-bólica e dia-bólica. A nível pessoal é feita de amizades, de amores, de solidariedades, de uniões e de convergências. E ao mesmo tempo é atravessada por inimizades, ódios, impiedades, desuniões e divergências. A nível social vem caracterizada por lutas entre povos, entre sistemas sociais, entre classes, entre instituições e seus usuários. E, ao mesmo tempo, nela há convivência pacífica, pactos de solidariedade e convergências políticas em vista do bem comum das nações e do planeta. (Boff, 1998, p. 12-13)

Desse modo, jamais diabólico e simbólico conseguem anular totalmente um ao outro, mas estabelecem um convívio como facetas distintas da realidade vivida, ao menos no campo cultural em que se delineiam as relações humanas. Nesse caso, não existe pureza porque diabólico e simbólico funcionam em regime de complementaridade e, até mesmo, de simbiose, podendo vir a produzir o novo no hibridismo que desenha à realidade e naquilo que, num plano do imediato parece o ponto final, pode fazer surgir o mal aparentemente irremediável ou a solução tão sonhada conforme as escolhas dos indivíduos, que sempre são sujeitos das circunstâncias.

Essa compreensão contribui para a análise sociológica porque nos impede de cedermos às explicações simplistas e apressadas sobre o cotidiano na A.R.E. Rubem Berta, ao sabor de argumentações já legitimadas a partir do campo da Educação Ambiental e Popular, capazes de gerarem leituras idealizadas e românticas da periferia, do trabalho com o refugo material ou da pobreza e seus interditos. Igualmente, impede que sejam delineadas percepções niilistas, desesperançadas e maniqueístas da ação coletiva em torno da rotina do trabalho dos sujeitos no lócus da pesquisa, ignorando o papel das subjetividades na produção da história

individual e coletiva.

3. AS TRAMAS E AS MANHAS

Algo necessário de se estudar são as tramas que os recicladores e recicladoras tecem em suas redes de sociabilidade, enfrentando os desafios da sobrevivência estando no limite e inseridos de forma precária no sistema social vigente. A trama refere-se, como diz Martins, “ao modo como a vida cotidiana se propõe a todos e a cada um” (2008, p. 11). E, no acompanhamento sistemático das atividades desses recicladores e recicladoras é possível captar algo de seu cotidiano dividido entre a arte de fazer do descarte matéria-prima, lidar com os parceiros de associação e enfrentar a lida dura da vida enraizada na periferia, sem estrutura material minimamente digna, sendo alguns deles alijados da presença da maioria dos direitos sociais supostamente assegurados nas políticas públicas.

Pretendo fazer registros dessas tramas, no transcorrer de minha pesquisa, através de entrevistas semi-estruturadas a serem gravadas em áudio *suleadas* pela perspectiva do método biográfico ou da história de vida, além do uso do diário de campo para o registro de minha inserção cotidiana.

Aposto na possibilidade de que essas histórias de vida de recicladoras e recicladores revelem as tramas de tal modo que eu tenha ensejo de captar os seus modos de vida, os sentidos atribuídos pelos sujeitos, a interferência dessas tramas - que não se esgotam no dia-a-dia da Unidade de Reciclagem – nas suas aprendizagens e saberes produzidos ou apropriados na inserção e ação rotineira na engrenagem produtiva do Galpão que, vale ressaltar, transcende e rompe mesmo com a lógica fabril. Aliás, os tempos e escalas de trabalho têm um ar de familiar ali, sendo definidos mais por humores e amores do que pela instância administrativa.

Sobre as tramas, me recordo duma que me foi confidenciada, que trata da inserção de Maísa⁴ no Galpão, ou ao menos, ao modo como ela revive na memória tal fato. Segundo a mesma, em diálogo recente para comigo, a sua chegada ao Galpão se definiu pela doença e desengano de sua filha por parte dos médicos com os quais ela se tratava. Maísa disse ter feito uma promessa: caso sua filha se curasse, ela faria uma festa para crianças e não cortaria o cabelo da menina até os sete anos.

Maísa, a filha mais velha e o esposo precisavam revezar horas de atendimento em atenção à pequena para que recebesse o medicamento na hora certa. Assim, uma oportunidade

⁴ Para preservar a identidade dos sujeitos participantes da pesquisa, foram criados nomes fictícios para os mesmos que aparecem no decorrer do texto.

de trabalho na associação de reciclagem lhe pareceu interessante por não existir uma relação nos moldes patrão-empregado e, por causa disso, haver certa flexibilidade que viabilizaria o atendimento de sua filha em casa localizada, por sua vez, nas proximidades do Galpão. A menina, ao cabo dos sete anos estava curada e, depois disso, foi cortado o seu trançado cabelo que figurava, até então, como parte do acordo da mãe com Deus.

A trama da enfermidade, associada à ausência de recursos fornecidos pelo Estado e os limites da medicina convencional, levou Máisa a optar pela manha do apelo no campo do espiritual – num ajuste entre ela e a representação que tinha da dimensão do sagrado. Um acordo com o sagrado aqui representa uma abertura para outra via de cura, frente ao esgotamento de possibilidades pelos meios tradicionais e a interdição que a pobreza impõe para a busca de profissionais da saúde. Não esqueçamos que a pobreza impõe limites de circularidades dos sujeitos na cidade.

A busca pelo espiritual se configura, aqui, numa forma de resgate de um sagrado negado na racionalidade moderna, inserindo-se no que Melucci (2001) definiu como um núcleo antagonista da busca espiritual contemporânea.

A racionalidade instrumental tem restituído o mundo à ação dos homens, mas também tem negado qualquer possibilidade de transcender o existente, tem negado o valor para tudo aquilo que não coincide com o agir eficaz. A sociedade se torna um sistema de aparatos que se identifica com o seu fazer e que não tolera a diversidade. O sagrado ressurgente então como apelo ao outro possível, como voz daquilo que não é dado mas poderia ser. (MELUCCI, 2001, p. 122)

Assim, verifica-se a *barganha* com o sagrado como uma resposta ao limite que se impõe e, ao mesmo tempo, uma abertura à resolução diferente do que as circunstâncias parecem estabelecer. Trata-se de uma resistência ao destino infausto de uma criança pobre frente à doença de tratamento inviável para as classes populares.

A crença, o ritual e a presença da transcendência, inscritos numa cultura religiosa sincrética, se impõem como alternativa ante a ausência e a ineficiência do circunscrito e do profano. Parece, nesse caso, que a representação constituída pelo imaginário popular cumpre um papel compensatório ante a dilaceração do indivíduo e de sua vida pelo trabalho e miséria, numa manifestação de crença pré-industrial conservadora.

Para Paulo Freire (2006) nós todos carregamos ao longo de nossa existência a memória das muitas tramas vividas, trazemos o corpo encharcado da nossa história produzida com o mundo e com os outros homens e mulheres, num processo em que inventamos a cultura e nos refazemos ao construirmos a nossa própria historicidade. As narrativas dessas

tramas são de uma riqueza simbólica impossível de definir em poucas linhas e é através daquelas que estas ganham ou atualizam sentidos do vivido nas trajetórias das recicladoras e recicladores, e, nesse caso, isso se constituirá em material de primeira relevância na produção da pesquisa, para além das minhas observações de cunho participativo.

Para o sujeito sobreviver no desdobrar das tramas elabora as suas manhas. As manhas são soluções imediatas a toda e qualquer situação-limite que, segundo Freire (2003), consiste naquela circunstância existencial que desumaniza o sujeito, impedindo-o de dar expansão plena à sua vocação ontológica de ser mais. As manhas podem ser identificadas num *jeitinho* ou numa fala dúbia, na contradição entre o que é dito e o que é realizado, levada a efeito no descumprimento de acordos com terceiros e dos sujeitos entre si, pelos motivos mais variados.

O silêncio, em reuniões e assembléias, tem denotado a relação de pessoas que não se sentem autorizadas a dizer a sua palavra no Galpão e, talvez, mais uma manha para se evitar o conflito direto com o poder masculino que se manifesta claramente na associação. Esse último tem se imposto através da medição simbólica de força, da demarcação de territórios com fotos de nus femininos e, por mais curioso que pareça, com pinturas no chão referente ao espaço de trânsito permitido junto à prensa ocupada, majoritariamente, por um dos associados.

4. SOCIABILIDADES: ABERTURA À OUTREDADE NA HORA DO CAFÉ

Gostaria ainda de tecer breve consideração sobre a hora do café no Galpão. Esse hábito se reveste de um caráter ritualístico e simbólico. Tem o seu horário rigorosamente obedecido por todas e todos, jamais interrompido para o grande grupo na chegada de autoridades, descarga de material ou presença de visitas. Algumas mulheres preparam pães, bolinhos, polenta com salsicha e partilham entre si. Outros juntam trocados para comprar o pão, manteiga, lingüiça, etc. Enfim, todos formam livremente grupos seguindo o critério de afinidades entre leituras de mundo, gostos, crenças e humores. Esses grupos se localizam em diferentes áreas conforme o bem querer, fenômeno que se reflete até na disposição da ordem de pessoas nas mesas de triagem.

Tenho explorado bastante esse espaço de convivência para a minha inserção e legitimidade junto ao grupo. Quando observo e participo do café, onde sempre me oferecem algo, mesmo que eu não tenha trazido nada, percebo que desfilam diálogos sobre os cuidados com os filhos, a luta por ampliar a casa para atender melhor a família, novidades da comunidade, trocas simbólicas sobre crenças religiosas, partilhas de receitas de chás e

vivências junto ao posto médico, entre outros temas que surgem, e, as críticas à coordenação do Galpão que são silenciadas no grande grupo são comumente verbalizadas na conversa das refeições.

Fica evidente que a conexão das pessoas no seu trabalho e em nossas ações educativas é, fundamentalmente, o elemento afetivo, a confiança que nasce por meio do diálogo entre os pares, numa relação de mútuo respeito e horizontalidade. Aliás, a respeito do diálogo, elucida-nos Freire (2006, p. 120) de que enquanto relação democrática, “o diálogo é a possibilidade de que disponho de, abrindo-me ao pensar dos outros, não fenecer no isolamento”. Assim, a busca pelo outro denota a formação de uma parceria, de uma rede de relação que afasta o sujeito do individualismo doentio e da sua decorrente desumanização.

Nessa perspectiva, o *educador da esperança* não deixa de ressaltar o diálogo intersubjetivo como uma relação horizontal entre A e B, oriundo de uma matriz crítica, provavelmente intuída pelos oprimidos – penso eu – frente ao esgotamento do antidiálogo e à desertificação afetiva edificada na lógica social que ora o reforça. O diálogo se nutre do amor, de humanidade, de esperança, de fé e de confiança recíproca que se estabelece na ação comunicativa entre os sujeitos do diálogo. E como recorda Freire (1982, p. 39): “quando os dois pólos do diálogo se ligam assim, com amor, com esperança, com fé no próximo, se fazem críticos na procura de algo e se produz uma relação de empatia entre ambos”. Desse modo, o diálogo autêntico se fundamenta e se nutre do amor, da aposta na relação com o outro.

Nessa perspectiva, é fundamental a virtude pedagógica do saber escutar. Tal virtude é indispensável ao sujeito que assume pretender estabelecer uma relação dialógica com o outro, “exigindo deste o exercício de aprender a ouvir de tal forma que, não se vendo arrogantemente acima daquele com quem fala, escuta pacientemente e criticamente o discurso do outro” (Fischer & Lousada, 2008, p. 301).

Saber ouvir é o que torna possível a comunicação entre os sujeitos. E, dessa forma, ouvir implicaria numa disponibilidade do sujeito que ouve à fala do outro, abrindo-se ao gesto e à identidade própria do outro que faz uso da palavra. Essa identidade própria do outro consiste no sentido que se estabelece à categoria outredade presente nos textos de Leff (2004) e Freire (2007) e, somente a escuta da mesma permite o exercício pleno da dialogicidade nas relações humanas porque a assunção respeitosa da diferença é a base para o estabelecimento da confiança, sem o que não há encontros comunicativos e conectivos entre os indivíduos.

Nas sociabilidades entre as recicladoras encontramos indícios desse jeito de *ser de*

abertura ao mistério do outro, admitido a partir de uma escuta sensível e, não raramente, apaixonada – no sentido de emocionalmente implicada para com o outro –, numa relação de troca simbólica complexa, dinâmica, contraditória e complementar entre os sujeitos. Nesse entrevero simbólico observo a tentativa dessas mulheres em nem sempre classificarem seus pares buscando, ante as identidades que se refazem na ecologia de suas relações sociais e na tessitura de seus itinerários, admitir a outredade daqueles com os quais interagem: Fulano não é uma má pessoa, afirmam, é excelente quando não está chapado.

DO INÉDITO VIÁVEL NA PESQUISA COM GRUPOS POPULARES

Os estudos sociológicos empreendidos por Santos (2004), nesse sentido, se voltam contra o desperdício da experiência produzido pela lógica razão indolente, ou seja, em contraposição argumentativa à postura científica clássica e dogmática que negligencia o que se configura em conhecimento produzido às margens da globalização neoliberal hegemônica, na práxis dos novos movimentos sociais ou ações coletivas de grupos sociais predominantemente do *sul*.

Nessa perspectiva, a alternativa à razão indolente estaria uma práxis científica nomeada por razão cosmopolita e para que a mesma se efetive são necessários três procedimentos sociológicos fundamentais: a sociologia das ausências, a das emergências e o trabalho de tradução⁵ entre os saberes. Para tanto, algumas premissas se apresentam como indispensáveis a esses encaminhamentos sociológicos no campo da pesquisa dos movimentos, grupos sociais e ações coletivas: uma compreensão mundana para além da leitura simplesmente ocidental do mundo, a admissão da historicidade e da dimensão cultural da forma de organização do poder social e, ainda, uma ruptura com a tradição linear de entendimento do tempo, propondo-se uma presentificação do tempo da experiência social tendo em vista a sua valorização.

Aliás, a perspectiva teórica da sociologia das emergências acaba por me remeter ao que Melucci (2005) chamou de sociologia reflexiva. Melucci convida-nos, na sua perspectiva investigativa, ao aprofundamento na questão do indivíduo mais do que no coletivo, o que evita a diluição do ator social no ente coletivo, abrindo-se a pesquisa

⁵ Recordemos, somente, que tradução na discussão proposta por Santos (2005) significa o trabalho intelectual, político e de inconformidade para com a doura ignorância que traz à baila o caráter insuficiente de conhecimento a respeito de práticas e saberes pelas ciências sociais convencionais inseridas na lógica monocultural de produção de conhecimento na tradição científica moderna. O trabalho de tradução pretende colocar em regime comunicativo práticas e saberes de grupos sociais diferentes, de mundos sociais diversos, e estabelecer mediações possíveis entre esses grupos, evitando-se o desperdício das suas experiências, tornando-as visíveis e inteligíveis aos demais setores da sociedade, por outros grupos e movimentos sociais, para o meio acadêmico, enfim, mediando a inter-comunicação de suas práxis e saberes de todos para com todos.

sociológica à subjetividade, vindo a abarcar, posteriormente, a questão dos fins da ação presente na própria ação, colaborando para a formação de uma sociologia dos atores sociais, para além de uma perspectiva sistêmica e totalizante.

Assim, retomando a sociologia das emergências de Santos (2004), tão em sintonia com a perspectiva sociológica de Melucci (2001, 2005), surge, segundo o primeiro, a premência do trabalho de tradução. Isso se refere ao esforço da investigação, nesse campo das ações coletivas alternativas, em produzir uma inteligibilidade capaz de ser mutuamente partilhada entre os atores sociais engajados nessas práticas, de modo a não diluí-las numa teoria totalizante – obsessão da razão metonímica -, liquidando com as identidades desses grupos alternativos. A sociologia das ausências se apresenta como um caminho possível da investigação no campo do social que transgride a negação da presença do outro que é distinto e do saber constituído noutras formas de racionalidade, trabalhando pelo reconhecimento de outras práticas sociais, sujeitos e de uma ecologia de saberes como contraponto à hegemônica monocultura do saber.

A minha expectativa de pesquisa da relação dos recicladores e recicladoras com as suas memórias e relação destas com o saber emergente a partir de seu trabalho no Galpão, longe de qualquer idealização populista, está justamente em buscar no residual de falas, gestos, memórias, rituais cotidianos, no que fazer do trabalho de triagem, nos momentos de festa, nos encontros comunicativos passíveis de observar/participar, tentar traduzir o diabólico e o simbólico que permeia as sociabilidades na vida pulsante e dinâmica desse grupo nessa Unidade de Reciclagem.

Enfim, o meu propósito de pesquisa, da qual esse artigo é um recorte, consiste em auscultar o contraditório, a complexidade da teia de significados e partilhas de elementos simbólicos, o embate e a complementaridade entre a rotina, o trabalho, o poético e o prosaico. Elementos que, longe de imaginar ser possível captar em totalidades e em dados empíricos *puros*, espero poder traduzir através da análise desses dados em minha escrita, combinando autores e orientação, dando conta de compreender saberes e parte das experiências de desenvolvimento, trabalho e produção material e simbólica desse grupo social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOFF, Leonardo. **O despertar da águia: o dia-bólico e o sim-bólico na construção da realidade**. Petrópolis: Vozes, 1998.

FISCHER, Nilton B. & LOUSADA, Vinícius L. Ouvir. In: STRECK, Danilo. Redin, Euclides. ZITKOSKI, Jaime José. **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1982.

_____. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.

_____. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 36. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

LEFF, Enrique. **Saber ambiental**: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

MARTINS, José de Souza. **A aparição do demônio na fábrica**: origens sociais do eu dividido no subúrbio operário. São Paulo: ed. 34, 2008.

MELUCCI, Alberto. **A invenção do presente**: movimentos sociais nas sociedades complexas. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

_____. **Por uma sociologia reflexiva**: pesquisa qualitativa e cultura. Petrópolis: Vozes, 2005.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Conhecimento prudente para uma vida decente**: “um discurso sobre as ciências” revisitado. São Paulo: Cortez, 2004.